

Tradução do russo e edição por CN, 23.02.2011

(original em http://publ.lib.ru/ARCHIVES/K/KAGANOVICH_Lazar'_Moiseevich/_Kaganovich_L._M..html)

Das memórias de Kaganóvitch (II)

O plano geral de reconstrução de Moscovo¹

De todos os sectores da economia nacional, a administração local constitui a alavanca mais eficaz para o melhoramento e transformação das condições de vida dos trabalhadores de acordo com os princípios socialistas.

O Estado soviético, como se lê no Programa do partido aprovado no VIII Congresso, «*expropriou todos imóveis pertencentes a proprietários capitalistas e entregou-os aos sovietes urbanos; efectuou o realojamento massivo dos operários dos subúrbios para imóveis burgueses*». No entanto, a economia municipal, extremamente atrasada durante o tsarismo, decaiu ainda mais no período da guerra imperialista e da intervenção contra-revolucionária. Após a vitória na guerra civil e sobre os intervencionistas, o partido e o poder soviético concentraram os seus esforços sobretudo no restabelecimento da indústria, dos transportes e da agricultura. Reconstruíam-se também, naturalmente, as infra-estruturas urbanas, mas num ritmo lento. A partir de 1928, o partido e o poder soviético tiveram possibilidades para se ocupar mais activamente das cidades, em particular de Moscovo, Leningrado, Khárkov e outras grandes urbes. Em 1931 estava no fundamental concluído o período de restabelecimento das infra-estruturas e equipamentos urbanos.

Todavia o impetuoso crescimento da indústria e da população urbana apresentava novas grandes exigências às cidades. Sentíamos isto de uma forma particularmente aguda em Moscovo. Entre 1931 e 1935 a população aumentou em quase um milhão de pessoas, ultrapassado o ritmo de crescimento da economia municipal. Em 1930-1931, as infra-estruturas e equipamentos municipais da cidade de Moscovo eram o ponto mais congestionado, o que dificultava o desenvolvimento da indústria e a satisfação das necessidades da população em termos de abastecimento de água e saneamento, transportes, fornecimento de electricidade, aquecimento e, sobretudo, alojamentos, escolas e hospitais. A situação tornou-se extremamente grave. Chegou ao ponto de a água não atingir os terceiros e quartos andares. Havia enormes engarrafamentos na circulação urbana. Os operários resmungavam.

A situação na cidade de Moscovo não era só discutida no Comité de Moscovo,² mas também no *Politburo*. Recordo-me da intervenção que o camarada Stáline fez no *Politburo*. «*É preciso abordar esta questão com largueza e iniciar a reconstrução radical de Moscovo,*

¹ Lazar Kaganóvitch, *Pámiatnie Zapiski* (notas memoriais), ed. Vagrius, Moscovo, 2003, pp. 406-414. (N. Ed.)

² Comité de Moscovo (CM) era a designação da organização regional do partido na capital soviética. (N. Ed.)

e com ela de todas as grandes cidades da URSS». Foi então criada uma comissão constituída por membros do Politburo, incluindo o próprio Stáline. L.M. Kaganóvitch foi eleito presidente da comissão e encarregado de apresentar um relatório ao Plenário do CC de Junho, que analisou a situação da economia municipal de Moscovo e do desenvolvimento urbano na URSS.

Na elaboração do projecto foram envolvidos funcionários locais do partido, especialistas e pessoas competentes oriundas sobretudo de Moscovo. O Comité de Moscovo e o Soviete de Moscovo realizaram um grande trabalho, desenvolvendo um vasto conjunto de medidas, que depois foram aprovadas pelo Politburo e pelo Plenário do CC e incluídas como anexo à resolução principal.

O CC não se limitou a dar as orientações gerais, mas definiu uma série de tarefas com expressão numérica concreta. Por exemplo, no domínio da habitação, estabeleceu como objectivo a construção, em três anos, a expensas do orçamento do Soviete de Moscovo e das empresas industriais, de alojamentos novos para pelo menos meio milhão de pessoas, sem contar com a construção por cooperativas e outra, bem como realizar a sobre-edificação de andares (processo que utilizávamos amplamente na altura). O CC indicou igualmente a necessidade extremamente urgente de reabilitação do parque habitacional de Moscovo. Em todos os projectos de construção, sublinhou o CC, é necessário ter em conta as novas exigências do quotidiano: lavandarias públicas mecanizadas, hospitais, infantários, jardins-de-infância, parques infantis e creches, que adquiriam uma importância particularmente grande devido à participação cada vez maior das mulheres na produção. «*A rede de jardins-de-infância, parques infantis e creches*», afirma-se na resolução, «*deve ser desenvolvida de modo a que, no prazo de dois anos, cubra todos os filhos dos operários ocupados na produção*».

Na resolução do Plenário do CC estão definidas tarefas relativas à construção de lojas, desenvolvimento da restauração pública e da panificação, com vista a concluir no essencial a mecanização da indústria de panificação de Moscovo até ao final de 1932, bem como relativas ao desenvolvimento da rede eléctrica da cidade. Não houve um único sector da economia municipal sobre o qual o CC não tivesse dado instruções.

O Plenário decidiu construir o metropolitano em Moscovo e irrigar o rio Moskva, ligando-o através de um canal ao Volga.

Pode dizer-se sem exagero que o Plenário de Junho de 1931 do CC do PCU(b) abriu uma nova página e colocou um novo marco histórico no desenvolvimento das cidades e da economia municipal da URSS, em particular da capital da União Soviética – a nossa querida Moscovo. No seguimento do Plenário do CC foi lançada uma obra grandiosa em todas as grandes cidades da URSS, particularmente em Moscovo, onde, enquanto secretário do Comité de Moscovo, participei na direcção deste empreendimento, juntamente com outros camaradas dirigentes, Bulgánine, Khruchov, Kamínski, Malenkov, Filátov e outros. As principais resoluções e planos eram adoptados conjuntamente com o Soviete de Moscovo, mas as medidas económicas e administrativas mais específicas eram tomadas pelo próprio Soviete de Moscovo e o seu *Presidium*. Como é natural, as iniciativas político-partidárias eram asseguradas pelo Comité de Moscovo, pelo Comité da Cidade de Moscovo e pelos comités de bairro do PCU(b). Teve um grande significado prático a resolução conjunta do *Bureau* do Comité do Partido do *Oblast* de Moscovo, do *Bureau* do Comité da Cidade de Moscovo e dos grupos do partido no Comité Executivo do *Oblast* de Moscovo e do Comité Executivo do Soviete da Cidade de Moscovo sobre medidas concretas de melhoramento e desenvolvimento das infra-estruturas e equipamentos municipais. Esta resolução foi aprovada pelo Politburo do PCU(b). Para que se possa fazer uma ideia da natureza concreta

e prática desta resolução, indico as questões e medidas mais importantes nela abordadas, que vieram a materializar-se:

1. Questões gerais económicas e, em particular, relativas ao orçamento e números de controlo da cidade de Moscovo. Isto foi muito importante porquanto a separação de Moscovo como unidade administrativa e económica própria realizou-se após a elaboração do orçamento único e dos números de controlo do *oblast*.

1. O parque habitacional e as perspectivas a curto prazo da construção de alojamentos, incluindo a reabilitação do parque habitacional, construção de novos alojamentos, aspectos organizativos e questões da administração dos imóveis.

3. Abastecimento de Moscovo com combustíveis e rede energética.

4. Desenvolvimento do transporte urbano, incluindo o melhoramento da frota de autocarros, da circulação de cargas e da rede de garagens, e medidas de reestruturação do transporte urbano.

5. Medidas para a reorganização radical da rede de estradas e túneis de Moscovo, e construção de pontes e avenidas marginais.

6. Melhoramento e desenvolvimento do abastecimento de água e da navegação, nomeadamente através da construção de infra-estruturas e reconstrução da rede de canalizações.

7. Limpeza de Moscovo, garantia das condições sanitárias da cidade e criação de zonas verdes.

8. Planeamento da cidade de Moscovo.

A simples enumeração dos problemas e tarefas já mostra a dimensão que adquiriu todo o empreendimento necessário para o cumprimento da resolução do Plenário de Junho do CC do PCU(b).

Sem exageros românticos, confesso que recordo tudo isto com um sentimento particular de emoção espiritual. Isto refere-se sobretudo à construção do metropolitano de Moscovo, à sua concepção arquitectónica, e à elaboração e concretização do Plano Geral de Reconstrução de Moscovo.

O Plenário de Junho do CC incumbiu as entidades moscovitas da elaboração de um plano sério, cientificamente fundamentado, de ampliação e urbanização de Moscovo. E indicou que o planeamento de Moscovo como cidade socialista, ao contrário das cidades capitalistas, não deveria admitir uma concentração desmedida em pequenas áreas de grandes aglomerados de população, empresas, escolas, hospitais, salas de espectáculo, clubes, comércio, restauração, etc.

Nas minhas intervenções nas organizações do partido de Moscovo, nas sessões plenárias do Soviete de Moscovo e nas conferências com arquitectos, organizadas pelo Comité de Moscovo, pelo Comité da Cidade de Moscovo e pelo Soviete de Moscovo, procurava aprofundar as decisões do Plenário, tendo sobretudo em vista o rigoroso esclarecimento e compreensão dos princípios fundamentais em que deveria assentar todo o trabalho concreto de elaboração do Plano Geral de Moscovo. Na preparação e estudo da questão houve discussões e diferentes pontos de vista, os quais era preciso compreender para recusar uma parte e aproveitar o melhor na outra parte, depois de eliminados os aspectos inaceitáveis. No essencial batíamos-nos em duas frentes: contra os ideólogos do urbanismo megalómano e contra os partidários da desconcentração de Moscovo e da retirada imediata de algumas grandes empresas, entre outros. Rejeitámos várias propostas: a eliminação do sistema de circulares radiais, alegadamente porque era própria das cidades feudais e estava em «insanável» contradição com a cidade socialista (estes «esquerdistas» recusavam-se a ter em conta a realidade historicamente constituída, a qual é preciso melhorar, transformar, mas não destruir); a substituição do sistema de circulares radiais por um esquema axadrezado da

cidade. Foram rejeitadas igualmente as propostas da ala «direita» dos arquitectos de manter Moscovo antiga num estado intocável, com o seu aspecto burguês-aristocrático clerical, e lançar construções apenas em novas zonas; os «esquerdistas» apoiavam-nos parcialmente. Realizaram-se conferências interessantes e ricas com arquitectos, entre as quais se destacam: a conferência de Moscovo, promovida pelo CC, Comité da Cidade (CCM) e Soviete de Moscovo (*Mossoviete*) em 1932, na qual estiveram presentes várias centenas de pessoas e onde intervim com um longo discurso, e a conferência de 1934 convocada pelo CC do PCU(b), na qual estiveram dirigentes do partido e membros do governo, representantes das entidades públicas de Moscovo e mais de 50 arquitectos e urbanistas. Foi nesta conferência que apresentámos os traços principais do plano. Estes traços foram aprovados pelo CC e pelo Conselho e Comissários do Povo, tendo o camarada Stáline, na sua intervenção, enunciado as mais importantes orientações relativas à versão definitiva do plano.

Na minha intervenção no Plenário do Soviete de Moscovo (Junho de 1934) expus estas orientações do seguinte modo: «*No nosso plano de Moscovo rejeitámos os extremos. O camarada Stáline, assinalando que a posição defendida pelas entidades públicas de Moscovo no planeamento da cidade é justa, salientou que devemos travar um combate em duas frentes na reconstrução da cidade. Para nós não é aceitável tanto a posição daqueles que negam o próprio princípio de cidade, daqueles que nos pressionam para que mantenhamos Moscovo como uma grande aldeia, como a posição dos partidários da urbanização excessiva, daqueles que propõem uma cidade de tipo capitalista com uma densidade populacional desmesurada. A história mostra-nos que as cidades constituem o tipo de estabelecimento humano mais económico nas regiões industriais, permitindo economias nas redes de saneamento e abastecimento de água, iluminação, aquecimento, etc. Por isso, não têm razão aqueles que propõem estender a cidade e transformá-la em aldeia, retirando-lhe todas as vantagens dos serviços comunais e da vida cultural urbana. Devemos construir prédios pelo menos com seis ou sete pisos e admitir a construção de edifícios com 15 e mesmo 20 andares*».

A elaboração do Plano Geral de Moscovo decorreu ao longo de mais de três anos. Não se pode esquecer que esta foi a primeira experiência de planeamento socialista de uma cidade tão grande como a nossa Moscovo. Hoje, passados 40 anos, tudo isto, naturalmente, é muito mais fácil. Nós aprendíamos com a construção de cada obra em concreto, de uma rua, de um bairro.

Com a aprovação do CC, do Comité de Moscovo (CM) e do *Mossoviete* constituímos a comissão permanente de arquitectura e planeamento do CM, CCM e do *Mossoviete* (com o acrónimo de *Arkhlplan*). Nesta comissão foram incluídos os dirigentes do CM, CCM e do *Mossoviete*: Kaganóvitch (presidente), Bulgánine, Khruchov, Filatov, Kogan, Melbard, Pertchik, Beluchev e outros, e um grande grupo de eminentes arquitectos: os académicos Joltovski, Chussiev, Chuko, os professores Tchernichev, Vésnine, Bárkhine, Gelfreikh, os arquitectos Kriukov, Alabian, Mordvinov, Iofan, Nikoláiev, Kolli e outros. A comissão reunia semanalmente, por vezes com mais frequência, analisava não só questões relacionadas com a elaboração do plano – vias rodoviárias, loteamentos, interfaces e bairros –, mas também os projectos de edificações importantes, incluindo de hospitais e prédios de habitação, que eram apresentados, fundamentados e defendidos pelos projectistas, aos quais os membros da comissão faziam as suas observações, acontecendo por vezes rejeitarem certos projectos.

Na altura teve um significado importante a resolução do CM, CCM e do *Mossoviete* sobre a nova forma organizativa de associação dos arquitectos em *ateliers* de arquitectura projectista e de arquitectura de planeamento. Esta foi uma boa e frutífera iniciativa, já que anteriormente os arquitectos moscovitas trabalhavam individualmente ou em pequenos grupos. Nós chamávamos-lhes, meio a brincar meio a sério, por analogia com o campo,

«individuais» ou, segundo a expressão dos camponeses, «trampolineiros»,³ mas na maior parte das vezes simplesmente artesãos ou trabalhadores ao domicílio. Inicialmente alguns mais «individualistas», sobretudo os que estavam na «moda», fizeram-se rogados, mas a esmagadora maioria dos arquitectos aceitou de boa vontade esta proposta. A vida mostrou que isto não só não conduziu à despersonalização, ao apagamento das características artísticas individuais, como alguns supunham, mas, pelo contrário, ajudou os arquitectos a desenvolver as suas qualidades criativas. Hoje não posso deixar de exprimir um sentimento de grande satisfação pelo facto de a nossa proposta se ter revelado tão viva – a criatividade dos arquitectos floresceu. Compraz-nos igualmente o facto de nós, velhos bolcheviques, que nunca antes havíamos estudado estes problemas, termos conseguido juntar os nossos esforços aos conhecimentos de especialistas experientes, que deram ao regime soviético o melhor da sua antiga cultura. Estudámos a experiência estrangeira, em particular a do francês Haussmann no planeamento de Paris, embora este empreendimento, apesar de importante, não seja comparável ao Plano Geral de Moscovo, dadas as dificuldades insuperáveis com que se deparou devido ao carácter «sagrado e intocável» da propriedade privada na capital francesa.

Em resultado de um grande trabalho colectivo foi elaborado um plano científico, sólido, que transformou de forma radical o aspecto da cidade. Este primeiro plano da reconstrução de Moscovo foi concluído no final de 1934, sendo apresentado no início do ano seguinte às entidades públicas da capital, ao Comité Central e ao Conselho de Comissários do Povo [*Sovnarkom*]. Após o exame e o parecer dos órgãos estatais competentes, o CC do PCU(b) e o *Sovnarkom* aprovaram, em 10 de Junho de 1935, o histórico decreto sobre o «Plano Geral de Reconstrução da Cidade de Moscovo».

É um facto que o Plenário do CC do PCU(b) de 1931, a sua decisão sobre a economia municipal e desenvolvimento das infra-estruturas e equipamentos urbanos da URSS marcaram uma viragem radical, em primeiro lugar, na cidade de Moscovo. Era urgente forçar o desenvolvimento de Moscovo de modo a responder às necessidades da classe operária, sobretudo após a construção das novas unidades industriais como a Fábrica de Automóveis Stáline, a Fábrica de Rolamentos Kaganóvitch, a *Freser*, a *Kalibr*, a *Bielozavod*, a *Stankolit*, o alargamento e reconstrução da *Fábrica Dinamo*, a *Electrozavod* e outras. Em quatro anos foram construídos 2500 prédios de habitação, nos quais foram alojados meio milhão de trabalhadores; centenas de dormitórios fabris foram eliminados e transformados em apartamentos confortáveis para os operários têxteis da localidade Triokhgorki e outras; mais de 10 mil imóveis foram reabilitados; construíram-se 100 quilómetros de linhas de eléctrico; aumentou mais de três vezes a extensão das pontes e viadutos; o fornecimento de água duplicou, atingindo quase os 50 milhões de *vedros* [1 vedro = 12,299 litros, cerca de 61,4 milhões de metros cúbicos]; foram construídas 140 novas grandes escolas; o número de camas hospitalares aumentou um terço. As fábricas-cozinha passaram de três para 26; cantinas públicas de 537, servindo 870 mil pessoas, para 2241, servindo 2,5 milhões de pessoas; foram abertas 1200 lojas comerciais, etc.

Naturalmente que os indicadores actuais de crescimento superam largamente estes que citei, mas estávamos no início dos anos 30, há 45 anos! O importante é que isto foi o primeiro grande passo da vontade consciente e planeada do partido e do poder soviético, e que todas estas transformações nas infra-estruturas e equipamentos urbanos de Moscovo, as suas dimensões gigantescas, o rápido crescimento e as suas perspectivas ainda maiores, eram a

³ No original existe um trocadilho intraduzível entre as palavras russas «individual» e «naduval», que significa charlatão ou troca-tintas. (*N. Ed.*)

base real do primeiro Plano Geral da Reconstrução de Moscovo e das suas possibilidades de desenvolvimento futuro.

Embora hoje, passados 45 anos, seja uma evidência para todos que, sem o metropolitano e o canal Moskva-Volga, Moscovo, a capital da União Soviética, não poderia existir e desenvolver-se, na altura, em 1930-1931, isto era para muitos uma questão polémica.

Sabemos pela história que mesmo antes da revolução havia propostas de engenheiros progressistas para a construção do metro em Moscovo, mas foram por mais de uma vez rejeitadas pelo poder e pelos senhores que decidiam os destinos da construção urbana em Moscovo. Havia resquícios desta atitude conservadora mesmo em alguns dos nossos camaradas soviéticos, designadamente no *Mossoviete*, já sem falar na parte da população «antiquada». Havia objecções e dúvidas sobre a necessidade da construção do metro e do canal não só entre a população mas até numa parte dos quadros dirigentes. Claro que os «direitistas» eram particularmente activos na sua propaganda contra o metro, tal como contra a industrialização: alegavam que tais despesas eram desnecessárias, que era possível passar sem isso. Havia também «esquerdistas» que alardeavam parvoíces do género, o metro é um tipo de transporte «anti-social», que existe apenas nas cidades capitalistas, que no socialismo as pessoas não precisarão de se deslocar tanto, etc. Havia também objecções interesseiras: o metro é um equipamento demasiado dispendioso, irá consumir muito aço, cimento e instalações, que seria preferível destinar à indústria, à rede de eléctricos e à construção de habitação. Estes últimos «objectores» tinham um peso particularmente grande no aparelho do Estado, nomeadamente entre os funcionários do *Gosplan*. Para garantir a tomada da decisão era preciso derrotar os opositores à construção do metro e, em particular, do canal, que ligaria o rio Moskva ao Volga. Em todas estas discussões, nós rebatíamos os argumentos dos opositores, demonstrando com factos e números que Moscovo sem o metro e o canal estava condenada a vegetar.

Durante o debate do problema no *Politburo*, a intervenção do camarada Stáline teve uma importância determinante para a decisão final destas questões fundamentais. «*Só pessoas petrificadas*», disse Stáline, «*que não alcançam para além do seu nariz, podem não compreender que sem o metro e o canal Moscovo morrerá como grande centro*». No decurso da análise deste problema, o *Politburo*, ainda antes do Plenário do CC, adoptou por unanimidade a decisão de construir o metro e canal. O Plenário do CC do PCU(b), na resolução sobre a economia municipal, após ouvir o relatório do camarada Kaganóvitch, deliberou: «*O Plenário do CC considera necessário iniciar imediatamente o trabalho preparatório para a edificação do metropolitano de Moscovo, enquanto meio principal para a resolução do problema do transporte rápido e barato de pessoas, de modo a iniciar-se a construção já em 1932*».

Sobre a questão da ligação do rio Moskva ao Volga, o Plenário do CC deliberou: «*O estado actual do rio Moskva, devido ao seu caudal extremamente limitado, porá em risco já no próximo quinquénio o abastecimento de Moscovo, bem como a navegação. O CC considera necessário resolver de forma radical a questão da irrigação do rio Moskva a partir do rio Volga, e encarrega as entidades públicas de Moscovo, em conjunto com o Gosplan e o Comissariado do Povo dos Transportes Fluviais, da elaboração imediata do projecto deste empreendimento de modo a iniciar, já em 1932, os trabalhos de construção para a ligação do rio Moskva ao Volga*». Precisámos ao todo de quatro anos para tornar a ideia do metropolitano numa realidade. Precisámos ao todo de seis anos para materializar a decisão do Plenário do CC sobre a ligação do rio Moskva ao Volga, de modo a que, através do canal e de condutas, Moscovo pudesse receber a água do Volga e toda a sua navegação que ligava os portos de cinco mares.